

José Esteves Rei

# A Análise Textual Teorias e Práticas

Didáctica da Língua e da Literatura



Edições Colibri

**A ANÁLISE TEXTUAL – TEORIAS E PRÁTICAS**

**Didáctica da Língua e da Literatura**

José Esteves Rei

**A ANÁLISE TEXTUAL – TEORIAS E PRÁTICAS**

**Didáctica da Língua e da Literatura**

Edições Colibri

*Biblioteca Nacional – Catalogação na Publicação*

REI, José Esteves, 1949-

A análise textual - teorias e práticas : didáctica da língua  
e da literatura. - (Estudos e ensaios ; 5)

ISBN 978-972-772-744-5

CDU 801.7

81'1

371.32

371.27

**Título:** A Análise Textual – Teorias e Práticas  
Didáctica da Língua e da Literatura

**Autor:** José Esteves Rei

**Edição:** Edições Colibri

**Capa:** Ricardo Moita

**Depósito legal n.º** 260 999/07

**Financiamento**

Centro de Estudos em Letras  
da Universidade de Trás-os-Montes e Alto Douro  
e  
Fundação para a Ciência e a Tecnologia

Lisboa, Dezembro de 2007



## ÍNDICE

<b>1. A análise textual – Horizontes da teoria</b> .....	9
1.1. Noção .....	9
1.2. Objectivos da análise textual.....	10
1.3. Diversidade tipológica da análise textual .....	12
1.4. Percursos da análise textual .....	14
<b>2. A análise textual – Horizontes da prática</b> .....	19
2.1. A análise textual no 2.º Ciclo / 9.º Ano – Pontos de exames – por anos, de 1931 a 1996 .....	19
2.1.1. Dos exames .....	19
2.1.2. Constituição do <i>Corpus</i> .....	20
2.1.3. Metodologia – A análise de conteúdo .....	21
2.1.4. Distribuição dos exames e das perguntas pelos conjuntos .....	21
2.1.5. Estudo dos tipos de análise presentes no <i>corpus</i> .....	22
2.1.5.1. Categorias analíticas presentes .....	22
2.1.5.2. Tendências nas categorias de frequências <i>altas</i> e <i>médias</i> .....	23
2.1.5.3. Categoria: Estilística .....	23
2.1.5.4. Categoria: Interpretativa .....	34
2.1.5.5. Categoria: Morfológica .....	67
2.1.5.6. Categoria: Sintáctica .....	74
2.1.5.7. Categoria: Vocabular .....	90
2.1.5.8. Síntese do estudo dos tipos de Análise .....	111

2.2. A análise textual na 7. <sup>a</sup> Classe, 7. <sup>o</sup> Ano, 3. <sup>o</sup> Ciclo e 11. <sup>o</sup> Ano (Índ. Lit.) – por anos, de 1931 a 1997 .....	112
2.2.1. Constituição do <i>Corpus</i> .....	112
2.2.2. Um facto e sua compreensão .....	113
2.2.3. Análise e comentário, solicitados nas provas analisadas: conteúdos comuns .....	118
2.2.4. Análise solicitada nas provas analisadas: conteúdos comuns ..	119
2.2.5. Comentário solicitado nas provas analisadas: conteúdos específicos .....	124
2.2.6. Sínteses .....	137
<b>3. Análise textual – horizontes da mudança: tipologias textuais e frase comunicativo-funcional .....</b>	<b>139</b>
3.1. Factos emergentes na Sociedade, desde a 2. <sup>a</sup> metade do século XX... 139	
3.1.1. Verdadeiros pressupostos de mudança..... 139	
3.2. Consequências – passagem da análise do nível da frase para o nível do texto ou a entrada do(s) texto(s) na análise textual escolar .....	141
3.2.1. Noção de <i>texto</i> e de <i>tipologia textual</i> .....	141
3.2.2. Programas .....	142
3.3. Uma proposta didáctica .....	142
3.3.1. Tipologias textuais ou géneros/modelos de texto .....	142
<b>Conclusões .....</b>	<b>145</b>
<b>Bibliografia .....</b>	<b>147</b>

*A leitura considera-se como exercício central.*  
In Programas de 1948, Decreto n.º 37.112, de 22 de Outubro

*A colectânea deve preferentemente ser constituída por trechos  
extraídos de obras literárias.*  
in Programas de Português de 1936, Decreto n.º 27.085,  
de 14 de Outubro

*O texto será o centro de todos os exercícios.*  
in Programas de Português de 1930, Decreto n.º 18.779  
de 26 de Agosto

*O estudo da língua apoiar-se-á sempre sobre a leitura dos textos.*  
in Programas de Português de 1918, Decreto n.º 5002  
de 27 de Novembro

*Todo o ensino deve ter por ponto de partida os textos.*  
in Programas de Português de 1895, *Diário do Governo*  
de 14 de Dezembro

*A leitura é o ponto de partida de todos os exercícios.*  
in Programas de Português de 1895, *Diário do Governo*  
de 14 de Dezembro.





## 1. A ANÁLISE TEXTUAL HORIZONTES DA TEORIA<sup>1</sup>

---

### 1.1. Noção

- 1.1.1. André Chervel, reportando-se a 1833, em França<sup>2</sup>, afirma que a análise resume a ideia principal e as ligações às ideias secundárias; é o exercício antepassado da dissertação e da explicação de texto.
- 1.1.2. Para M. Campagne, em 1873<sup>3</sup>, a análise
- “é natural ao homem, ao formar a ideia do todo, estuda as partes e recompõe o objecto”;
  - conforme os *objectos*, assim recebe nomes diversos: *gramatical, lógica e literária*.
- 1.1.3. *Programas de Português*, Reforma de 1895<sup>4</sup> – Neles, a análise literária é o estudo das *particularidades estilísticas e lógicas*, do *plano* (conteúdo e sua disposição), da *composição* e da *expressão*.  
*Nota metodológica importante*: “A teoria limitar-se-á sempre aos pontos essenciais e derivará das obras examinadas.”
- 1.1.4. Em Jules Verest, 15.<sup>a</sup> edição de 1939<sup>5</sup>, a análise – item linguístico de origem grega, significando desligar, soltar, desatar – “decompõe o todo em elementos constitutivos: a) de um objecto, procura as *partes reais*; b) de uma ideia, as *partes lógicas*.”

---

<sup>1</sup> Este trabalho corresponde à Lição inserida nas Provas de Agregação, realizadas na Universidade de Trás-os-Montes e Alto Douro, a 16 de Maio de 2001.

<sup>2</sup> André Chervel, *La Culture Scolaire. Une Approche Historique*, Paris, Belin, 1998, pp. 69, 75, 101.

<sup>3</sup> M. Campagne, *Dicionário Universal de Educação e Ensino*, Traduzido por Camilo Castelo Branco, Porto, Braga, Liv. Internacional, 1872.

<sup>4</sup> Decreto de 22 de Dezembro de 1894, *Diário do Governo* de 14 de Setembro de 1895.

<sup>5</sup> Jules Verest, *Manuel de Littérature*, Bruxelles, Desclée, 15.<sup>a</sup> ed., 1939, p. 193.

- 1.1.5. Para Eduardo Pinheiro (1942)<sup>6</sup>: “A análise literária consiste:
- em aquilatar o *valor e processos literários* [...]; e
  - dissecar o texto – apreciando a *justeza das ideias e sentimentos*, explicando a *construção sintáctica* e precisando o *sentido* de qualquer *vocabulo*.”
- 1.1.6. Segundo Costa Marques, 1948<sup>7</sup>, “A análise dos textos
- é a descoberta das relações entre o conteúdo e a qualidade ou valor estético da forma”.
- 1.1.7. Abílio Perfeito, 1953<sup>8</sup>, à pergunta “O que a análise [literária]?”, responde:
- “É compreender integralmente a obra, sentindo-a ao modo do seu autor; fazer vibrar as palavras de que o autor se serviu; mostrar a harmonia do estilo, o uso apropriado dos termos e a interdependência do fundo e da forma”.
- 1.1.8. Massaud Moisés, 1969<sup>9</sup>, afirma que “a análise
- é um processo de conhecimento da realidade, reflectindo uma filosofia *da ciência literária* [...] e da *ciência pedagógica*;
  - daí duas perguntas: *como analisar?* E *por que analisar?* Remete a primeira para uma teoria literária e a segunda para uma teoria pedagógica”.
- 1.1.9. Para Carlos Reis, 1987,<sup>10</sup> analisar é
- “decompor um todo nos seus elementos”; concebe-se a análise como “atitude descritiva das partes” e tentativa de “descortinar as relações que se estabelecem entre elas”.

## 1.2. Objectivos da análise textual

### 1.2.1. Programas e autores

- 1.2.1.1. Nos programas de 1895 – desenvolver e ministrar facilidade e firmeza na escrita.

---

<sup>6</sup> Eduardo Pinheiro, *Linguagem e Estilo*, Porto, Livraria Tavares Martins, 1942, p. 75.

<sup>7</sup> F. Costa Marques, *A Análise Literária*, Coimbra, Livraria Almedina, 1979, 4.<sup>a</sup> ed. (1.<sup>a</sup> 1948), p. 39.

<sup>8</sup> Abílio Perfeito, “Problemas do ensino da língua portuguesa”, in *Labor*, n.º 134, Dez. 1953, pp. 103-104.

<sup>9</sup> Massaud Moisés, *A Análise Literária*, S. Paulo, Cultrix, 1999 (1.<sup>a</sup> ed. 1969), pp. 13 e 11.

<sup>10</sup> Carlos Reis, *Técnicas de Análise Textual*, Coimbra, Livraria Almedina, 1987, p. 11.

- 1.2.1.2. Os de 1918 e 1936 afirmam que “a análise gramatical e a análise lógica: guiarão o aluno na inteligência dos trechos”.
- 1.2.1.3. Para os de 1936, o objectivo da análise é “desenvolver o gosto literário, tanto sob o *aspecto passivo* (prazer da leitura dos bons autores) como sob o *aspecto activo* (faculdades de análise, reconhecimento de *processos artísticos; espírito crítico*, aptidão para formar *juízos de valor* nos campos *estético, lógico e moral*)”.
- 1.2.1.4. Segundo Jules Verest, (1939, 207)<sup>11</sup>, são dois os objectivos:
- um didáctico – “aprender a *ordenar as ideias* e a *dominar a expressão*”; e
  - outro heurístico – descobrir os *modelos* e *géneros* literários, pela observação das coisas (de que se ocupa o autor) e da forma verbal recebida, ou seja, a crítica do fundo e da forma.
- 1.2.1.5. Costa Marques, 1948<sup>12</sup>, indica como objectivos: “interpretar, *não fazer explicações*; dar do texto a ideia precisa; substituir a impressão vaga pelo *estudo objectivo*”.
- 1.2.1.6. Para Massaud Moisés, (1969)<sup>13</sup>, “a análise literária encerra objectivos pedagógicos, ou seja, a edificação ética do estudante, *realizada ao praticar*, com rigor e objectividade, a *fragmentação objectiva dos textos* e ao *confrontar seus resultados* com os de outros estudiosos”.
- 1.2.1.7. A Comissão Orientadora dos Estágios Pedagógicos do ME, em 1971<sup>14</sup>, divulgava os seguintes objectivos:
- “apreender o sentido profundo dos textos e evidenciar os seus valores expressivos [...]”;
  - *agrupar várias actividades* – elocução, exercícios de vocabulário, de interpretação e de gramática, apreensão das técnicas estilísticas, preparação da redacção – *num mesmo tipo de exercício*”.

---

<sup>11</sup> Jules Verest, *op. cit.*, 1939, p. 207.

<sup>12</sup> F. Costa Marques, *op. cit.*, 1979, p. 41.

<sup>13</sup> Massaud Moisés, *op. cit.*, 1999, p. 12.

<sup>14</sup> *Estágios Pedagógicos, Boletim da Comissão Orientadora de Estágios Pedagógicos*, do ME, n.º 1, 1971-1972, pp. 22 e 23.

### 1.3. Diversidade tipológica da análise textual

#### 1.3.1. Nos Programas

##### 1.3.1.1. Os de 1860<sup>15</sup> apresentam as seguintes:

- análise de autores portugueses, no 1.º ano;
- análise gramatical e lógica, no 2.º ano e no 3.º ano.

Adolfo Coelho informa que “faltava porém o material para o ensino; as instruções, os preceitos didácticos”; as selectas eram “mal feitas e pesadas”, pelo que “o ensino desandou logo no começo em secas análises gramaticais e lógicas, e classificações de tropos e figuras”.

##### 1.3.1.2. Programas de 1863 – Acrescentam:

- análise filológica, no 2.º e 3.º anos.

Adolfo Coelho anota que “em boa verdade não se ficou bem sabendo o que devia ser”.

##### 1.3.1.3. Os de 1872 mencionam:

- análise oratória de autores, em Oratória, último ano;
- análise literária de autores, em Poética, último ano.

O autor da Conferência do Casino sobre o Ensino informa, ainda, que, à sua entrada para os júris dos exames do secundário, em 1878, “faziam-se umas análises retóricas e literárias que consistiam em *descobrir algum argumento, distinguir uns tropos, umas figuras, indicar num discurso o exórdio, etc. isso tudo muito escassamente*”.

##### 1.3.1.4. Os Programas Liceais de 1895, 1918, 1930, 1936 e 1948 manifestam essencialmente a mesma formulação programática<sup>16</sup>.

Deste modo, também a análise textual aí adquire uma *figuração* que atravessou a longevidade do liceu. Apresenta as variedades abaixo sistematizadas, exercícios reunidos sob denominações várias, conforme o nível dos estudos, o objecto da análise e o gosto do reformador ou

<sup>15</sup> Adolfo Coelho, *O Ensino da Língua Portuguesa nos Liceus*, Porto, Magalhães e Moniz, 1895, pp. 2-8.

<sup>16</sup> “Os Programas [...] são ainda o que eram no meu tempo de aluno há mais de um quarto de século [...]” – afirma Riley da Mota, em 1935 (in *Labor*, n.º 67, Novembro, 1935, p. 107). “[O]s programas de uma disciplina como o Português não têm sofrido essencialmente grandes alterações” – escreve a Redacção da *Revista de Portugal, Série Língua Portuguesa*, n.º 213, Março 1963, p. 119.

da época: explicação real e verbal dos textos, *nos primeiros anos*; e análise gramatical, lógica ou literária, *nos últimos anos*.

ESTILÍSTICA	=> figuras de estilo, ornatos e qualidades da linguagem.
INTERPRETATIVA	=> compreensão e inteligência dos textos.
MORFOLÓGICA	=> categorias morfológicas.
SINTÁTICA	=> funções sintáticas.
VOCABULAR	=> aspectos semânticos e lexicológicos.
LITERÁRIA	=> elementos anteriores, inseridos no plano, composição, exposição e particularidades dos textos.

### 1.3.2. Nos *Pontos-modelos* do Ministério, 1934<sup>17</sup>

No curso geral, temos:

- 1 – Interpretação do sentido;
- 2 – Vocabulário e estilo;
- 3 – Exercícios gramaticais e literatura.

No curso complementar, surge:

- análise lógica e literária.

### 1.3.3. Na Literatura pedagógica: *ecos teóricos das práticas*,

– Adriano Nunes de Almeida, 1951<sup>18</sup>, defende “*um tipo único de análise – análise interpretativa – incidindo nos vários aspectos linguísticos, ideológicos, estéticos, etc.* Haveria que modificar [...] a distinção entre a *análise lógica* [“ideias e relação entre si”] e a *análise gramatical* [“fonética, morfológica, sintática, semântica ou lexical”]”.

– Segundo Virgílio Lemos, 1973<sup>19</sup>, a análise textual deveria compreender:

- divisão em partes e denominação;
- resumo;
- interpretação e
- análises: sintática, morfológica, fonética, estilística.

### 1.3.4. A Comissão Orientadora dos Estágios Pedagógicos do ME, em 1971<sup>20</sup>, tipificava a análise do texto, desde o título, em

- análise gramatical e

<sup>17</sup> *Diário do Governo* I Série de 19.1.1934.

<sup>18</sup> Adriano Nunes de Almeida, in *Labor*, n.º 115, Out. 1951, pp. 30-32.

<sup>19</sup> Virgílio Lemos, in *Labor*, n.º 308, Fev. 1973, p. 240.

<sup>20</sup> *Estágios Pedagógicos, Boletim da Comissão Orientadora de Estágios Pedagógicos*, do ME, n.º 1, 1971-1972, pp. 22 e 23.

– análise ideológica.

Afirma claramente, porém, que “não existe um único processo para analisar textos”.

#### 1.4. Percursos da análise textual

1.4.1. Eduardo Pinheiro, em 1942<sup>21</sup>, desenvolve o esquema seguinte:

- 1 – O Autor e a obra;
- 2 – As ideias;
- 3 – O vocabulário;
- 4 – A gramática;
- 5 – O estilo.

O levantamento do conteúdo da análise, para cada ponto, faz-se por perguntas como:

- [1] Quem é o autor da obra a analisar? Século em que viveu? Géneros literários que cultivou? Características gerais do seu estilo?
- [2] Qual a ideia fundamental? E as ideias acessórias com ela relacionadas? Qual a essência da composição? Como condensá-la em meia dúzia de linhas?
- [3] Qual a intenção do autor ao escrevê-lo? Qual o pensamento dominante?
- [4] Como desenvolveu o autor o assunto? Qual o concatenamento das ideias?
- [5] Particularidades do vocabulário? E da gramática? Marcas do estilo?

1.4.2. A Comissão Orientadora dos Estágios Pedagógicos do ME, em 1971<sup>22</sup>, divide o percurso em duas vias conforme se trata de (A) “texto extenso, superior a 25 linhas, e em prosa”, ou de (B) “texto curto”.

No primeiro, há que:

- *Distinguir as ideias fundamentais;*
- *Indagar da sua relação com as secundárias;*
- *Atentar na sua distribuição pela estrutura do texto;*
- *Traduzi-las num esquema ideológico, preciso e concreto.*

<sup>21</sup> Eduardo Pinheiro, *Linguagem e Estilo*, Porto, Livraria Tavares Martins, 1942, pp. 75-84.

<sup>22</sup> *Estágios Pedagógicos, Boletim da Comissão Orientadora de Estágios Pedagógicos*, do ME, n.º 1, 1971-1972, pp. 22 e 23.

No segundo:

- *A análise cinge-se mais ao texto;*
- *Ela valoriza essencialmente o significante;*
- *Denuncia as conotações presentes;*
- *Revela o maior número de aspectos expressivos do texto;*
- *Faz o levantamento dos recursos estilísticos;*
- *Estuda as expressões mais sugestivas;*
- *Anota vocábulos com evolução semântica interessante;*
- *Regista construções gramaticais que apresentam novidades;*
- *Justifica a propriedade do vocabulário.*

NOTA: Tratando-se de *poesia*, completa-se ainda com o estudo da *estrutura externa* do texto: *rimas, cesuras, agrupamentos métricos*, ou seja, tudo o que condiciona a respectiva *estrutura interior*.

1.4.3. Óscar Lopes, em 04.02.1965<sup>23</sup>, profere uma conferência nos Fenianos Portuenses e dá notícia de uma Ficha de leitura literária que coloca aos seus alunos de literatura para que “se interroguem e respondam por escrito acerca de tópicos como os seguintes:

- género, sub-género e escola da obra;
- seu resumo ou sumário;
- partes e seu modo de ligação;
- ambiente (geográfico, histórico, social), seu realismo ou simbolismo;
- personagens individualizadas, tipos (psicológicos, sociais ou morais) e personagens alegóricas;
- coerência (quanto a assunto ou enredo, tom, filosofia, intencionalidade, psicologia das personagens);
- continuidade espacio-temporal, ordem de distribuição dos tempos e lugares;
- predomínio de narração, descrição ou comentário; expansão lírica, diálogo ou conflito dramático;
- tamanho do período ou parágrafo;
- tendências: literatizante ou coloquial; arcaizante, modernizante, vernacular ou estrangeirizante, pitoresca ou abstractizante, séria ou irónica;
- [nível de língua] regionalismo, gíria ou outros processos de singularizar ou conotar ambientes;
- narração na “1.<sup>a</sup>” ou na “3.<sup>a</sup> pessoa”, memorialista, diarista,

---

<sup>23</sup> Óscar Lopes, “A educação do gosto literário”, in *Uma Arte de Música e outros Ensaios*, Porto, Oficina Musical, 1986, pp. 188-189.



- epistolográfica ou supondo a omnisciência do autor;
- figuras estilísticas mais características;
- palavras-chave ou construções frásicas dominantes;
- comparação da obra com outras do mesmo autor, género, assunto, época ou escola literária.

1.4.4. Massaud Moisés, desde 1969<sup>24</sup>, propõe, no seu percurso analítico ou plano de análise, as fases seguintes:

- a) – leitura integral da obra ou fragmento – visando a *impresão* ou *ideia geral*;
- b) – releitura, *assinalando as passagens* que chamam a atenção ou oferecem dificuldade de entendimento;
- c) esclarecimento vocabular por recurso ao dicionário;
- d) nova leitura captando o “índice conotativo das palavras ou expressões”;
- e) registo das constantes ou recorrências, sobretudo conotativas;
- f) interpretação destas;
- g) consulta de fontes secundárias, história literária, biografias, contexto;
- h) hierarquização das constantes ou recorrências segundo critérios estatísticos (quantidade) ou qualitativos (qualidade emocional, sentimental e conceptual);
- i) sua interpretação e obtenção das ilações que comportam;
- j) Redacção do trabalho, segundo as regras seguintes:
  1. evitar o descritivismo e a mera paráfrase;
  2. convocação do texto por citação e exemplificação, bem interpretadas;
  3. transcrição textual rigorosa – aspas, tipo de letras e linha mais curta se for caso disso;
  4. indicação das fontes secundárias;
  5. organização dos pensamentos ou ideias num plano, visível para autor e leitor;
  6. interpretação, estabelecimento de nexos e saliência de relevos, partindo de perguntas-guiões – como? por que razão?;
  7. redacção clara;
  8. conclusões plausíveis e levantamento de hipóteses de compreensão / interpretação.

### Para concluir

---

<sup>24</sup> Massaud Moisés, *A Análise Literária*, S. Paulo, Cultrix, 1999 (1.ª ed. 1969), pp. 13 e 11.

No final do desenvolvimento do ponto 1. da nossa lição, podemos afirmar, com Massaud Moisés, “*não haver modelos fixos de análise literária*”, posição coincidente, aliás, com a de Óscar Lopes e a da Comissão Orientadora dos Estágios Pedagógicos do ME, em 1971, considerando esta última “*não existir um único processo para analisar textos*”.

Ficou, também, claro serem *múltiplas as noções* sobre a própria análise, *vários os objetivos* por ela perseguidos na escola, e diversificada a tipologia pela qual é realizado o exercício da análise textual.



## CONCLUSÕES

No final desta lição, podemos concluir, afirmando:

1. A existência de três *níveis na análise textual*: frase (categorias analíticas), texto literário e outros textos (funcionais/ institucionais/ organizacionais/ administrativos).
2. A manutenção da análise textual nos géneros tradicionais: estilística, interpretativa, morfológica, sintáctica, vocabular e, englobando as anteriores, a literária.
3. O reconhecimento do comentário literário como forma de ensino e inquirição paralela à análise, em didactização crescente e necessária.
4. O alargamento da análise textual às tipologias textuais, a constituir e a seleccionar para a escola do século XXI.
5. A necessidade de, didacticamente, arrumar os tipos ou géneros textuais de forma a possibilitar uma aprendizagem baseada em relações intelectual e psicologicamente relevantes, motivadas e fundamentadas.
6. A possibilidade de essa arrumação passar por uma proposta tripartida, tendo como critérios didácticos o espaço de autenticidade e pragmatismo dos textos: a escola, a imprensa e a empresa.
7. A pedagogização destas tipologias, em simbiose constante e permanente, através das etapas: teorização, exemplificação e exercitação.
8. A introdução desta análise tipológico-textual na inquirição, depois de objectivada na leccionação e na aprendizagem.



## BIBLIOGRAFIA

- ALMEIDA, Adriano Nunes de, “A Língua Pátria”, in *Labor*, n.º 115, Out. 1951.
- ANGENOT, Marc, *Glossário da Crítica Contemporânea*, Lisboa, Editorial Comunicação, 1984.
- ATIENZA, Ángel L. Lujan, *Cómo se Comenta um Poema*, Madrid, Editorial Síntesis, 1999.
- BALZAC, H., *Physiologie de l'Employé* (1841), in *Oeuvres Diverses*, Paris, Société d'Éditions Littéraires et Artistiques, Librairie Paul Ollendorf, 1908.
- BELAVAL, Yvon, *Digressions sur la Rhétorique*, Paris, Ramsay, 1988.
- BERISTÁIN, Helena, *Diccionario de Retórica y Poética*, México, Editorial Porrúa, 1992, 3.ª ed. (1.ª ed., 1985).
- BERNÁRDEZ, Enrique, “Introducción” a *Linguística del Texto*, Madrid, Arco/Libros, 1987.
- CALDÉRON, E. Correia & CARRETER, F. Lázaro, *Como se Comenta un Texto Literário*, Salamanca, Ediciones Anaya, 1972, 10.ª ed.
- CÂMARA Jr., J. Mattoso, *Diccionario de Filologia e Gramática*, São Paulo e outras, J. Ozon Editor, 1968, 3.ª ed. (1.ª ed., 1956).
- CAMPAGNE, M., *Diccionario Universal de Educação e Ensino*, Traduzido por Camilo Castelo Branco, Porto, Braga, Liv. Internacional, 1872.
- CANAVARRO, José Manuel Canavarro, *Teorias e Paradigmas Organizacionais*, Coimbra, Quarteto Editora, 2000.
- CHERVEL, André, *La Culture Scolaire. Une Approche historique*, Paris, Belin, 1998.
- COELHO, Adolfo, *O Ensino da Língua Portuguesa nos Liceus*, Porto, Magalhães e Moniz, 1895.
- COELHO, Jacinto do Prado, *Educação do Sentimento Poético*, Coimbra Editora 1944.
- DECRETO n.º 36:507, de 17 de Setembro de 1947.
- ECHENIQUE, Maria Teresa et alii, *El análisis textual. Comentario filológico, literario, lingüístico, sociolingüístico e crítico*, Salamanca, Ediciones Colegio de España, 1997.
- ESTÁGIOS Pedagógicos, *Boletim da Comissão Orientadora de Estágios Pedagógicos*, do ME, n.º 1, 1971-1972.
- FIGUEIREDO, Maria Jorge Vilar de & BELO, Maria Teresa, *Comentar um Texto Literário*, Lisboa, Editorial Presença, 1985.
- FOUCAULT, Michel, *Les Mots et Les Choses*, Paris, Gallimard, 1966.
- GUERRA, Abel, *Elementos de Composição Literária*, 1966, 6.ª ed., (1.ª ed., anos 30).
- INSTRUÇÕES sobre Exames dos Professores de Retórica, Coimbra, Imprensa da Universidade, 1800.

- ISEMBERG, Horst, “Cuestiones Fundamentales de tipologia textual”, in Enrique Bernárdez (Comp.), *Linguística del Texto*, Madrid, Arco/Libros, 1987.
- JACQUES, Francis, “Le moment du texte”, in *Le Texte. Comme Objet Philosophique*, Jean Greisch (présent.), Paris, Beauchesne, 1987.
- LANSON, Gustav, *L'Art de la Prose*, Paris, Librairie des Annales (s/d visível, prefácio de 1910), 10.<sup>a</sup> ed..
- LEMONS, Virgílio, “Relatório dirigido à Direcção Geral do Ensino Secundário”, in *Labor*, n.º 308, Fev. 1973.
- LOPES, Óscar, “A educação do gosto literário”, in *Uma Arte de Música e outros Ensaios*, Porto, Oficina Musical, 1986.
- MARQUES, F. Costa, *A Análise Literária*, Coimbra, Livraria Almedina, 1979, 4.<sup>a</sup> ed. (1.<sup>a</sup> 1948).
- MOISÉS, Massaud, *A Análise Literária*, S. Paulo, Cultrix, 1999 (1.<sup>a</sup> ed., 1969).
- MOISÉS, Massaud, *Dicionário de Termos Literários*, São Paulo, Cultrix, 1999, 14.<sup>a</sup> ed. (1.<sup>a</sup> ed., 1974).
- MONIZ, Olegário Paz, *Dicionário Breve de Termos Literários*, Lisboa, Editorial Presença, 1997.
- MOTA, Riley da, “Programas e exames”, in *Labor*, n.º 67, Nov., 1935,
- PARDON, Paul, BARLOW, Michel, *Le Commentaire de Texte*, Paris, Hatier, 1978.
- PERFEITO, Abílio, “Apontamento”, in *Labor*, n.º 175, Fev. 1958.
- PERFEITO, Abílio, “Problemas do ensino da língua portuguesa”, in *Labor*, n.º 134, Dez. 1953.
- PINHEIRO, Eduardo, *Linguagem e Estilo*, Porto, Livraria Tavares Martins, 1942.
- REI, José Esteves, *Curso de Redacção. II O Texto*, Porto, Porto Editora, 1994.
- REI, José Esteves, *A Escola e o Ensino das Línguas*, Porto, Porto Editora, 1998.
- REIS, Carlos, 1987, *Técnicas de Análise Textual*, Coimbra, Livraria Almedina, 1987.
- SILVA, V. M. Aguiar e “O texto literário e os seus códigos”, in *Cadernos da Colóquio/Letras*, n.º 1, *Teoria da Literatura e da Crítica*, Lisboa, Fundação Calouste Gulbenkian, 1982.
- TORRES, Amadeu, *Gramática e Linguística. Ensaios e outros Estudos*, Braga, UCP, FF-ILCH, CEL, 1998.
- VEREST, Jules, *Manuel de Littérature Principes – Faits Généraux – Lois*, Bruxelles, Desclée, 1939, 15.<sup>a</sup> ed.

Execução Gráfica

Colibri – Artes Gráficas  
Faculdade de Letras  
Alameda da Universidade  
1600-214 Lisboa  
Telef. / Fax 21 796 40 38  
[www.edi-colibri.pt](http://www.edi-colibri.pt)  
[colibri@edi-colibri.pt](mailto:colibri@edi-colibri.pt)